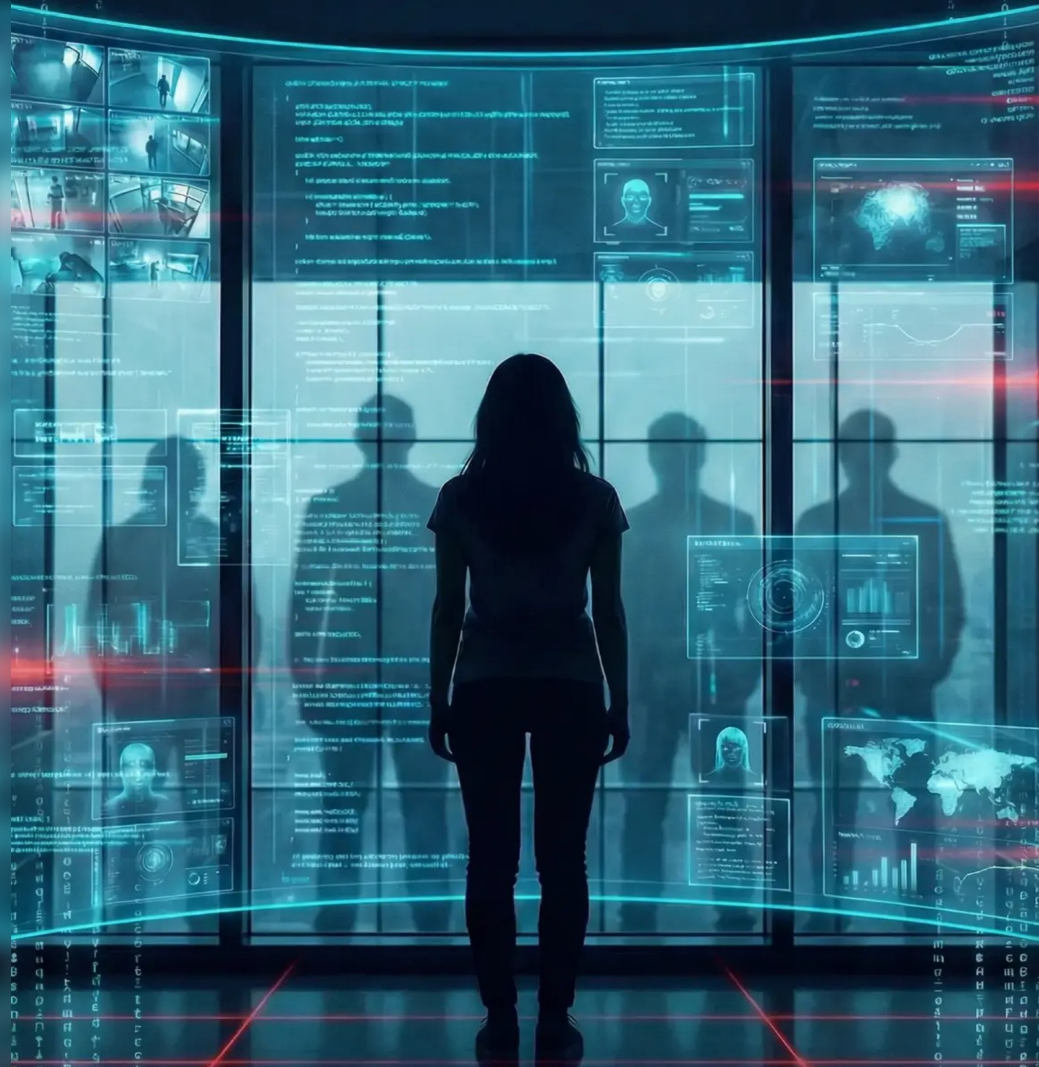


LOGOS

CÓDIGO SOMBRA



MARCELO J. SOUSA

LOGOS

CÓDIGO SOMBRA

Marcelo J. Sousa

AMOSTRA — CAPÍTULOS 1 A 3

AMOSTRA EXCLUSIVA

Assinantes da newsletter
BLEND DO DIA

Os três primeiros capítulos.

Prévia da nova edição revista.

Boa leitura.

CAPÍTULO 1

PADRÕES NA ESCURIDÃO



O relógio digital no canto da tela marcava 3:47 da manhã quando Talita percebeu o padrão. Não era óbvio — nunca era. Os melhores padrões se escondiam nas sombras dos dados, invisíveis para olhos comuns e algoritmos padrão. Mas para ela, cuja mente fora afiada desde cedo sob a tutela do pai, Pedro D'Sousa, e forjada pelos mesmos mestres que o treinaram, era como se uma linha de luz neon pulsasse através do caos de informações. Cada análise era também uma busca por ele, desaparecido em missão cinco anos antes. A descoberta veio como um flash: uma conexão súbita entre fluxos de dados aparentemente aleatórios, revelando uma estrutura subjacente que gritava perigo.

Seus dedos corriam pelo teclado mecânico, o estalo das teclas quase se perdendo no zumbido dos servidores — os únicos sons no amplo escritório, além do ocasional gole de chá verde, frio havia horas. O Centro de Inteligência Digital ocupava três andares subterrâneos de um prédio com fachada comercial anônima no centro de São Paulo. Para o mundo exterior, era apenas mais uma empresa de consultoria em tecnologia. Para um seletor grupo de governos e organizações internacionais, era um dos mais avançados centros de monitoramento de ameaças digitais do hemisfério sul. O ar reciclado carregava um leve cheiro de ozônio, dos servidores que trabalhavam incansavelmente, processando terabytes a cada minuto. Talita se sentia em casa ali, em meio ao ronronar constante das máquinas.

E para Talita D'Sousa, conhecida profissionalmente como Logos, era o lugar onde podia usar as habilidades que a definiam: uma caçadora de padrões e, secretamente, uma filha em busca de respostas que só o pai poderia dar. Ela se lembrava das noites em que ele, sentava com ela à mesa da cozinha e explicava criptografia com exemplos simples, como quebra-cabeças que montavam juntos. “O mundo é feito de padrões, Talita,” dizia, os olhos brilhando numa mistura de orgulho e preocupação. “Aprenda a vê-los, e nada poderá te surpreender.” As lições não eram

apenas acadêmicas; eram preparação para um mundo perigoso que ele esperava que ela nunca precisasse enfrentar.

“Você ainda está aqui?” A voz de Martins, o chefe de segurança noturna, quebrou sua concentração. “São quase quatro da manhã.”

Talita não desviou os olhos das múltiplas telas dispostas em semicírculo ao seu redor. “Estou quase terminando,” respondeu, mantendo a voz calma e controlada, um traço que lembrava a serenidade calculada do pai. Martins era um homem robusto, com cicatrizes visíveis nas mãos, marcas de batalhas antigas, um veterano que respeitava o legado de Pedro. Contava com frequência histórias de operações antigas, mas nunca tocava no desaparecimento dele, como se fosse um tabu compartilhado.

Martins se aproximou, curioso. Aos cinquenta e poucos anos, ex-militar com experiência em três continentes, aprendera a respeitar o trabalho da jovem analista mesmo sem entender metade do que ela fazia. Conhecera Pedro brevemente, anos antes, numa operação conjunta na América Latina — uma missão da qual nunca falava — e via na filha a mesma intensidade no olhar.

“Encontrou algo interessante?” perguntou, observando as telas repletas de códigos, gráficos e fluxos de dados que pareciam incompreensíveis. As linhas rolavam como um rio digital, símbolos dançando em padrões que só alguém como ela poderia decifrar.

Talita hesitou. Parte do que via podia estar ligada à sua busca pessoal, àquele fio de esperança a que se agarrava desde o dia em que recebera a notícia do desaparecimento. “Talvez,” respondeu por fim. “Preciso confirmar algumas coisas.” Não podia contar. Não porque desconfiasse dele — mas porque confiava. E o que estava prestes a fazer não era peso que se pedisse a um amigo para carregar.

Na verdade, o que encontrara era muito mais que “interessante”. Era perturbador. Nas últimas semanas, vinha monitorando um aumento sutil no tráfego criptografado em certos nós da darknet — nós que

suspeitava ligados, de alguma forma, ao desaparecimento do pai. Mas havia algo diferente desta vez: uma elegância matemática nos padrões de comunicação, como se o código estivesse vivo. Era como se alguém testasse as águas, enviando sondas para avaliar vulnerabilidades globais.

Quando Martins finalmente saiu, com um aceno de cabeça e um “Não exagere, garota”, Talita ativou sua VPN pessoal, isolando temporariamente o terminal da rede interna do CID — um procedimento que o pai sempre insistira que ela dominasse. Precisava de liberdade para seguir a intuição sem deixar rastros administrativos, sobretudo porque isso podia levá-la a informações sobre ele. A VPN criava uma bolha virtual que mascarava sua atividade, deixando-a mergulhar mais fundo sem alertar o monitoramento.

Os olhos castanhos-escuros refletiam o brilho das telas enquanto ela navegava mais fundo, seguindo o rastro digital com precisão. O cabelo na altura dos ombros, normalmente solto, estava preso num coque improvisado com um lápis — hábito que só surgia nos momentos de concentração absoluta, quando o mundo se reduzia a linhas de código. Lembrava-se de como o pai ria disso, chamando-a de “minha pequena engenheira improvisada”.

Foi quando encontrou o primeiro fragmento do algoritmo. Escondido num pacote de dados aparentemente inofensivo, havia um trecho de código tão elegante que quase parecia arte. Talita sentiu um arrepio percorrer a espinha, como se o código a observasse de volta. Era uma peça de engenharia cibernética que desafiava as leis convencionais da programação, com loops recursivos e funções quânticas simuladas que ela só vira em teorias acadêmicas.

“Impossível,” murmurou para si mesma, inclinando-se para a frente, o coração acelerando. Executou uma análise rápida, descompilando o fragmento para entender sua estrutura. O código não era apenas eficiente; era adaptável, capaz de se modificar em tempo real para contornar defesas.

A abordagem lembrava teorias que ela e o pai haviam discutido anos antes — naquelas longas noites em que ele compartilhava fragmentos de seu mundo perigoso, tecendo lições em histórias de sombras e luz — uma forma de contornar autenticação explorando microflutuações no tempo de resposta dos servidores. Mas este código ia além, refinando o conceito de maneiras tão familiares quanto perigosamente novas. Era como se alguém tivesse pegado as ideias iniciais de Pedro e as evoluído para algo letal — o que podia significar que o pai estava envolvido, ou que alguém o traía.

Talita fechou os olhos por um instante, visualizando a estrutura completa do algoritmo a partir do fragmento. Era como um quebra-cabeça em que ela podia ver a imagem final com apenas algumas peças — uma visão que a aterrorizava e fascinava. Se completo, o algoritmo poderia infiltrar bancos de dados governamentais, redes elétricas, sistemas financeiros. O caos seria global.

“Protocolo Sombra,” sussurrou, batizando o que via. O nome veio naturalmente, inspirado nas histórias que o pai contava sobre as “sombras” do mundo da espionagem — forças invisíveis que manipulavam eventos de longe.

O som de passos no corredor a fez normalizar as telas depressa, voltando à análise de rotina que deveria estar fazendo. Outra lição paterna: mantenha sempre uma explicação plausível, sobretudo ao investigar algo que outros não querem que seja encontrado. Os passos eram de um técnico de manutenção, que passou sem notar nada de anormal.

Quando os passos se afastaram, ela retomou a investigação, agora com foco específico. Se sua teoria estivesse correta, o Protocolo Sombra não era apenas mais uma ferramenta de invasão — era algo revolucionário, uma chave mestra para o caos global. E algo que podia estar ligado ao desaparecimento do pai. Começou a traçar conexões entre os nós da darknet, mapeando uma rede que se estendia de São Paulo a pontos remotos como Tóquio e Singapura.

Talita abriu uma gaveta discreta sob a estação de trabalho e retirou um pequeno dispositivo de armazenamento — item não exatamente autorizado, parte de seu kit pessoal. Começou a salvar cópias dos fragmentos e de suas análises preliminares. O dispositivo era uma relíquia de tecnologia avançada, capaz de guardar dados em estados quânticos, imune a hacks convencionais — outra lição de Pedro: “Sempre tenha backups que ninguém possa tocar.”

Enquanto os dados eram transferidos, permitiu-se um raro momento de reflexão. Lembrou-se do codinome “Logos” — fora o pai quem o sugerira, anos antes, quando ela era só uma pré-adolescente prodígio devorando livros de lógica e criptografia. “Você busca a razão, a lógica por trás de tudo, minha pequena Logos,” ele dissera, com um sorriso orgulhoso. A palavra grega para razão, princípio ordenador do universo. Um nome que refletia sua busca incessante por respostas, agora mais do que nunca voltada a encontrá-lo.

Mas o que via agora desafiava essa ordem. Se alguém desenvolvesse aquele projeto por completo, as implicações eram imensas, e a conexão potencial com o pai tornava tudo ainda mais complexo. Seria possível que Pedro estivesse vivo, deixando pistas para ela? Ou alguém usava seu legado contra ela?

O dispositivo emitiu um sinal discreto: transferência completa. Ela o desconectou e guardou de volta na gaveta. Precisava de mais informações antes de levar as descobertas aos superiores, sobretudo porque parte delas vinha de sua investigação não autorizada. Revelar agora podia expô-la a traições internas — como as que o pai suspeitava em sua última missão.

Talita finalmente se levantou, sentindo o protesto dos músculos parados na mesma posição por horas. Apesar do cansaço físico, a mente estava eletrizada. Alongou os braços, sentindo a rigidez nas costas — lembrete de que o corpo precisava de cuidado tanto quanto a mente.

A caminho da sala de descanso, em busca de café fresco, começou a planejar os próximos passos. O corredor subterrâneo, iluminado por luzes frias, ecoava seus passos solitários — um labirinto de concreto que a isolava do mundo lá em cima.

Precisava de acesso a bancos de dados mais restritos, talvez aos arquivos da última missão do pai — arquivos que pareciam selados com mais força do que qualquer segredo de Estado. E teria de fazê-lo sem alertar quem desenvolvia o projeto, ou quem tivesse interesse em manter o desaparecimento dele um mistério.

O café estava amargo e forte, exatamente como ela precisava. Enquanto bebia, observou o céu pela pequena janela ao nível do solo — o único lembrete de que estavam abaixo da terra. O dia nascia, pintando o horizonte de São Paulo de laranja e vermelho. A cidade acordava, alheia às sombras que se moviam abaixo dela; para Talita, era o início de uma guerra pessoal.

Um novo dia. E, possivelmente, o início de uma batalha digital que só ela sabia estar prestes a começar — uma batalha que podia levá-la às respostas que tanto buscava, ou ao abismo. Terminou o café e voltou ao terminal.

Os três dias seguintes foram uma sucessão de portas fechadas.

Talita começou pelo caminho legítimo. Requisitou, pelos canais internos do CID, os relatórios da última missão de Pedro — o direito de uma analista sênior investigando um padrão de ameaça. O sistema aceitou o pedido, processou por um instante e devolveu uma única linha: ACESSO RESTRITO — AUTORIZAÇÃO EXTERNA NECESSÁRIA. Ela tentou por outros ângulos, credenciais que não deveria ter, portas dos fundos que o próprio pai lhe ensinara. Cada uma esbarrava na mesma parede. Os arquivos não estavam apenas classificados. Estavam lacrados — e não pelo CID.

Foi Martins quem confirmou o que ela já suspeitava.

Ele a encontrou na sala de descanso, na segunda madrugada, quando o prédio se reduzia a ele, a ela e o zumbido dos servidores. Serviu-se de café e sentou-se à

frente dela sem pedir licença, como fazia com o pai, anos atrás.

“Você andou batendo em portas antigas,” disse. Não era uma pergunta.

Talita não respondeu.

“Conheci seu pai numa operação na América Latina. Há muito tempo.” Martins girava a caneca entre as mãos calejadas. “A gente foi atrás do que parecia contrabando de armas. Não era. Era outra coisa — maior, mais limpa, com dinheiro que não deixava rastro e gente que sumia quando a gente chegava perto. Seu pai continuou puxando aquele fio depois que mandaram a gente parar. Eu não continuei.” Ergueu os olhos. “Recebemos ordem de esquecer. E eu esqueci. Foi assim que sobrevivi para te ver crescer.”

“Por que está me contando isso?”

“Porque aqueles arquivos que você tentou abrir hoje não foram selados por nós. A ordem veio de fora. ‘A pedido de um parceiro internacional.’” Ele disse as palavras com nojo. “O CID só obedeceu. E no minuto em que você tocou naquilo, alguém, em algum lugar, soube.” Pousou a caneca. “Não vou te perguntar o que você encontrou. Não quero saber. Mas, se é filha do Pedro de verdade — e você é —, então já entendeu que, a partir de agora, está sozinha. E que este não é mais o lugar mais seguro para você.”

Ela viu, nos olhos dele, não a lealdade a uma instituição, mas o medo de um homem que gostava dela o bastante para desejar que ela parasse — e que a conhecia o bastante para saber que não pararia.

“Obrigada, Martins.”

“Não me agradeça.” Ele se levantou. “Some por uns dias. Diz que é emergência de família. E, Talita...” Hesitou na porta. “O que quer que o seu pai tenha achado lá atrás, foi por isso que ele desapareceu. Pensa nisso antes de achar também.”

Naquela mesma manhã, ela enviou o pedido de licença. À tarde, começou a transferir a operação para casa.

Nos dias seguintes, Talita não dormiu mais que dez horas no total. A pequena sala de estar do apartamento

virara um centro de operações improvisado, com anotações cobrindo as paredes e vários dispositivos com agentes de IA processando análises em paralelo. Mapas, fotos antigas do pai, fragmentos de relatórios de missão — tudo se misturava aos dados que ela batizara de Protocolo Sombra. O apartamento, antes um refúgio organizado, era agora um caos controlado, de cabos espalhados e telas piscando.

Morar sozinha tinha suas vantagens — ninguém para questionar o súbito rearranjo do apartamento ou o fato de que ela mal havia saído do lugar nos últimos dias. O condomínio de segurança média no bairro de Pinheiros oferecia o anonimato que ela valorizava, escolhido com o rigor metódico que seu pai lhe ensinara antes que o mundo os separasse — câmeras de segurança nos acessos, rotas de fuga alternativas, vizinhos que não faziam perguntas. O que Talita não sabia era que a corretora que lhe indicara o imóvel, o desconto inesperado no primeiro ano, e o sistema de câmeras já instalado no andar eram pequenos milagres que nada tinham de acidentais. Havia mãos invisíveis cuidando de detalhes que ela atribuía à sorte. Talita nunca tivera sorte.

Talita estava diante de um mapa digital global, observando pontos de atividade que identificara como potencialmente ligados ao projeto. Tóquio, Zurique, Buenos Aires, Seattle, Dubai — alinhavam-se com locais que apareciam nos fragmentos de relatórios e nas raras fotos que o pai deixara, pistas vagas que ela tentava conectar havia anos e que agora ganhavam novo significado à luz do Protocolo Sombra. Traçou linhas virtuais entre eles, procurando padrões geográficos ou temporais que revelassem o próximo movimento.

“Onde você está, pai?” murmurou, como se os pontos no mapa pudessem responder. A foto dele na parede, sorrindo numas raras férias em família, parecia encorajá-la.

Uma notificação a fez virar-se para o terminal principal. Um de seus algoritmos de busca encontrara algo: uma correspondência parcial com o padrão criptográfico que ela rastreava, num servidor ligado a uma antiga rede usada

pelo pai — rede que ele lhe ensinara a navegar como um labirinto pessoal. O algoritmo, escrito por ela mesma, varria a darknet em busca de anomalias específicas.

Os olhos se estreitaram ao ler o relatório. Uma pequena processadora de pagamentos em Singapura registrara uma “anomalia” nos sistemas na semana anterior. Nada fora roubado, nenhum dado comprometido. A empresa descartara como glitch, mas Talita viu além: era um teste controlado, uma sonda para avaliar vulnerabilidades sem chamar atenção.

E ela sabia mais. A escolha do alvo parecia deliberada — talvez uma mensagem. Por que Singapura?

Acessou depressa os logs de segurança da empresa, com credenciais hackeadas e cuidado para não deixar rastros. Para qualquer outro analista, pareceriam normais. Mas Talita, treinada para ver o invisível, detectou as pequenas inconsistências — pegadas digitais quase apagadas, mas não de todo. As timestamps traziam discrepâncias mínimas, milissegundos que revelavam uma invasão sofisticada.

“Estão testando o alcance,” concluiu, sentindo uma mistura de admiração profissional e alarme crescente. “E deixando pistas sutis. Para mim?” A ideia a aterrorizava: e se fosse uma isca?

Seu telefone vibrou — uma mensagem de Martins, do número pessoal, não do corporativo. “Vieram hoje. Dois. Não eram do CID. Perguntaram de você pelo nome. E do seu pai.” Alguns segundos depois, uma segunda linha: “Levaram o log de acesso da semana. Não volte.”

Talita leu as duas mensagens três vezes, o gelo subindo pela nuca. Não estavam mais apenas perguntando de dentro da instituição. Tinham vindo em pessoa — e levado o registro exato de tudo que ela tocara.

Apagou a conversa e partiu o chip ao meio. Martins fizera a sua parte, e mais do que devia. Agora o relógio corria contra ela: já sabiam o que ela procurava. Em breve saberiam onde.

Voltou a atenção ao mapa e acrescentou Singapura aos pontos de interesse. Um padrão começava a emergir — não geográfico, mas talvez ligado a antigos contatos ou operações do pai. Ampliou Tóquio, notando uma concentração maior de atividade, talvez o hub principal.

Foi à pequena cozinha, abriu a geladeira quase vazia, pegou uma maçã e a mordeu distraída, cada pausa um breve respiro na maratona mental. Precisava de mais dados, mais confirmações. A maçã era crocante, mas o sabor era secundário: era combustível para manter a mente afiada.

Foi quando notou. Um pequeno detalhe nos logs de Singapura que ignorara de início. Uma assinatura digital quase imperceptível, o tipo de marca-d'água que hackers às vezes deixam como rubrica. Mas esta era diferente, como um eco do passado. Uma sequência numérica codificada, algo que ela reconheceu de imediato.

Ampliou a seção do código, o coração acelerando. A assinatura era uma sequência numérica que, para a maioria, pareceria aleatória. Mas, para Talita, era um código que o pai usava nas comunicações seguras com ela — um laço invisível através do tempo. Baseava-se numa sequência de Fibonacci modificada com dados pessoais, algo que só os dois conheciam.

“Não pode ser,” sussurrou, deixando a maçã meio comida sobre a mesa. “Pai?” A descoberta a deixou trêmula: era a primeira prova concreta de que ele podia estar vivo, deixando pistas para ela.

A cifra, que os dois haviam criado juntos quando ela era pré-adolescente, era uma linguagem que só eles entenderiam. Decodificou depressa, revelando uma mensagem sutil: “Busque o Terminal 23”.

Talita sentiu um calafrio que nada tinha a ver com a temperatura do apartamento. Se o pai — ou alguém que conhecia seus códigos — estava envolvido com aquele projeto, a situação era muito mais complexa e perigosa. Uma mensagem dele? Um aviso? Ou uma armadilha para

atraí-la? A possibilidade de traição no círculo de Pedro a aterrorizava.

Precisava de ajuda. De alguém com experiência em campo, que conhecesse o pai e entendesse os riscos — alguém capaz de transformar sua busca solitária em aliança. Alguém em quem ele confiava.

Pegou um telefone descartável que mantinha para emergências e digitou um número que o pai lhe dera anos antes, para ser usado apenas em casos extremos. Após três toques, uma voz feminina atendeu, cautelosa.

“Quem é?”

“Echo, é a filha de Zero Negro,” Talita respondeu, usando o codinome dele por segurança. “Preciso da sua ajuda. É sobre ele.”

Houve um longo silêncio do outro lado da linha, carregado de memórias e perigos antigos. Por fim, Echo respondeu, a voz num tom de urgência controlada: “Café Íris. Duas horas. Venha sozinha.”

A ligação foi encerrada. Talita olhou para o relógio: tinha tempo suficiente para organizar seus dados mais críticos e se preparar. Sabia que estava prestes a cruzar uma linha, saindo da segurança do mundo digital para o terreno imprevisível das operações de campo — o mundo que fora do pai.

Enquanto se preparava, refletiu sobre a ironia da situação. Passara anos aperfeiçoando a mente em disciplinas que iam da análise estratégica às artes marciais. Pedro completara esse treinamento formal com a própria experiência brutal de campo, ensinando-a a aplicar a teoria na prática mais implacável. Karatê Shotokan para a precisão, Kyokushin para a resistência, Aikidô para a fluidez, Jiu-Jitsu e Krav Magá para o controle — habilidades que ela sempre imaginara usar para protegê-lo ou honrá-lo, nunca para encontrá-lo. As sessões de sparring em parques isolados eram memórias vivas: “Não lute com raiva, Talita. Lute com lógica, com estratégia.”

Agora estava prestes a entrar no jogo perigoso que ele jogara, onde algoritmos e códigos viravam ameaças reais e

sua capacidade de ler padrões seria testada não só em dados, mas em pessoas, lugares e situações de vida ou morte — tudo na esperança de encontrar o pai e fechar o ciclo.

Talita parou diante do espelho do corredor. O rosto que a encarava parecia mais determinado do que nunca, os olhos castanhos refletindo uma resolução inabalável — a imagem do pai em muitos aspectos. Por um instante, permitiu-se sentir o peso da responsabilidade e a pontada de esperança que a descoberta trouxera. O reflexo parecia perguntar: “Você está pronta para o que vem a seguir?”

“Vamos lá,” disse para o reflexo. “Hora de sair das sombras. Por ele.”

CAPÍTULO 2

ECOS NO CAFÉ



O tráfego de São Paulo era um caos organizado, mas para Talita, apenas mais um padrão a navegar — e, no fim dele, o Café Íris.

O Café Íris não constava em guias turísticos nem em aplicativos de recomendação. Era um estabelecimento pequeno e discreto numa rua tranquila da Vila Madalena, de mesas de madeira escura, pouca luz e o aroma persistente de café forte e pão de queijo. Um lugar anônimo, quase invisível — exatamente o tipo de local que o pai escolheria para encontros que exigiam privacidade absoluta.

A chuva fina sobre São Paulo criava um véu translúcido nas janelas, distorcendo os faróis dos carros que passavam. O som abafado das gotas contra o vidro formava uma barreira acústica natural, perfeita para conversas que não deveriam ser ouvidas. Talita observou uma gota deslizar pelo vidro num caminho errático, como os dados que seguira até ali.

Talita chegou quinze minutos adiantada, não por ansiedade, mas por protocolo — uma lição de contra vigilância. Sentou-se numa mesa dos fundos, de costas para a parede, com visão clara da entrada e das duas janelas para a rua. Seus olhos, treinados para captar o mínimo desvio da norma, escanearam o ambiente: um casal conversando baixo, um estudante absorto no laptop, o barista polindo copos atrás do balcão. Tudo parecia normal — mas a normalidade, era muitas vezes a melhor camuflagem.

Pediu um chá de hortelã, as mãos calmas sobre a mesa, mas a mente processava cada detalhe: o jeito como o estudante olhava a tela, o leve volume sob o paletó do homem ao lado, o reflexo na vidraça que lhe permitia vigiar a calçada do outro lado da rua.

Enquanto esperava, permitiu-se um raro momento de introspecção. Passara os últimos anos construindo uma carreira respeitável no CID, ganhando acesso a sistemas que poderiam, um dia, levá-la até o pai. Mas cada passo parecia revelar apenas mais camadas de mistério. O código

que batizara de Protocolo Sombra era a primeira pista tangível em anos — e, ainda assim, podia ser só mais uma armadilha elaborada.

O barista se aproximou para servir a xícara. Talita notou o leve tremor nas mãos dele — fadiga, talvez, ou algo mais? Avaliou-o com atenção. Mas era apenas um homem comum, alheio ao turbilhão ao redor. Agradeceu com um aceno discreto e voltou os olhos para a entrada.

A memória do pai invadiu seus pensamentos. Pedro D'Sousa, codinome Zero Negro, fora mais que um pai — fora seu mentor, seu guia no mundo das sombras. Desde pequena, ele a treinara para ver além das aparências, para reconhecer padrões onde outros viam caos. “O mundo é feito de dados, Talita,” costumava dizer, usando o nome verdadeiro dela só nos momentos mais íntimos. “Aprenda a lê-los, e nada poderá te surpreender.”

Mas algo o surpreendera. Algo grande o bastante para fazê-lo desaparecer sem deixar rastros, abandonando tudo que amava. Talita se recusava a crer que ele a teria deixado por vontade própria. Havia uma explicação, um motivo oculto — e ela estava determinada a encontrá-lo.

Echo chegou pontualmente às duas da tarde. Talita a reconheceu das fotos antigas que o pai guardava e de antigas lembranças de infância — embora os anos tivessem acrescentado linhas ao redor dos olhos e uma dureza que as fotos não mostravam. Era mais baixa do que Talita lembrava, cabelos ruivos presos num rabo de cavalo prático e olhos azuis que varreram o café com a eficiência de um scanner antes de pousarem nela. Havia uma beleza marcante na mulher — do tipo que provoca olhares —, mas também uma aura de perigo que mantinha os sensatos à distância.

Echo não sorriu. Sentou-se na cadeira oposta, posicionando-se para vigiar a entrada. Seus movimentos eram econômicos, precisos — a marca de quem vivera sob ameaça constante.

“Você cresceu,” Echo disse, a voz baixa, quase um sussurro, mas carregada de autoridade. Não era um elogio — apenas uma constatação, pesada de memórias.

“Eu sou a filha de Zero Negro,” Talita respondeu, usando o codinome dele por segurança, sem desviar o olhar. “Meu codinome é Logos.”

“Eu sei quem você é,” Echo a interrompeu, fria. “Logos. O apelido que ele te deu. Ele falava de você. Com orgulho. E preocupação.” Os olhos azuis a avaliaram por um instante. “O que você quer? Por que me contatou usando aquele número? Achei que nunca mais o ouviria tocar.”

Talita respirou fundo, organizando os pensamentos. Precisava ser direta. “Preciso da sua ajuda, Echo. É sobre meu pai. Acho que encontrei uma pista, algo grande, talvez ligado ao desaparecimento dele.”

Echo arqueou uma sobrancelha, o ceticismo claro no rosto. “Pistas? Depois de tantos anos? Muitas pistas falsas surgiram, garota. Muitas esperanças vazias, que se dissolvem como fumaça.”

“Esta é diferente,” Talita insistiu, inclinando-se para a frente. “Encontrei um código, um algoritmo capaz de quebrar qualquer segurança digital. E ele carrega uma assinatura... um código que só nós dois conhecíamos. Eu o chamei de Protocolo Sombra.”

O nome atingiu Echo em cheio. A expressão endureceu, a desconfiança dando lugar a uma cautela ainda maior. “Protocolo Sombra... Bom nome...” repetiu, a voz tensa. “Mas é impossível. Era apenas uma teoria, algo em que Zero Negro trabalhava para impedir, não para criar. Uma arma capaz de mudar o equilíbrio do poder global.”

“Alguém o finalizou. E está usando,” Talita afirmou. “Houve um ataque-teste em Singapura, e a assinatura dele estava lá. Não sei se é uma mensagem, um aviso ou uma armadilha. Mas é a primeira coisa concreta que encontro em anos.”

Echo ficou em silêncio por um longo momento, os olhos fixos num ponto além de Talita, perdida em memórias. A chuva se intensificou lá fora, acelerando o ritmo contra as

janelas. O barista pôs uma música ambiente suave, preenchendo o silêncio do café quase vazio.

“A última missão dele,” Echo disse por fim, a voz embargada. “Foi por causa disso. Ele descobriu algo sobre o início do projeto, quem estava por trás... Tentou impedir. E então... desapareceu.”

“Quem estava por trás, Echo?” Talita pressionou, sentindo que estava perto de algo importante.

Echo hesitou, olhando ao redor antes de continuar. “Não sabemos ao certo. Suspeitávamos de uma traição interna. Alguém da equipe. Vitor Mendes.” O nome pairou no ar, pesado como chumbo. “Oficialmente, ele morreu num acidente de barco em Paraty. Mas há quem suspeite que sobreviveu.”

“Vitor Mendes...” Talita repetiu, percorrendo de memória os arquivos que reunira sobre a equipe do pai. “O especialista em criptografia. Dado como morto num acidente. Meu padrinho.”

Echo ergueu as sobrancelhas — não pelo que Talita sabia, mas pelo tom. Havia amargura ali. “Vitor era presença constante em casa quando eu era criança, assim como você. Ele e meu pai eram como irmãos. Jogavam xadrez por horas, discutiam teorias que eu mal compreendia. Ele me deu meu primeiro livro de programação.” Ela fez uma pausa. “Se ele traiu meu pai... a traição é mais profunda do que qualquer um imagina.”

“Exato,” Echo confirmou, num sussurro afiado. “Se ele sobreviveu... se roubou o trabalho de Zero Negro e o finalizou... faz sentido. Ele era brilhante, mas instável. Ambicioso, como um chagal faminto. Sempre achei que havia algo errado nele, uma fome que nunca se saciava.”

“E a assinatura no código?” Talita perguntou, o coração acelerando.

“Pode ser uma armadilha para atrair você,” Echo alertou. “Ou talvez... talvez seu pai tenha conseguido deixar uma mensagem antes do fim. Ele sempre foi mestre em planos de contingência.”

Um silêncio se instalou entre elas. Talita estudou a mulher à sua frente, tentando ler nas entrelinhas.

“Por que você sumiu?” perguntou finalmente. “Depois que meu pai desapareceu. Por que se escondeu?”

Echo sustentou seu olhar por um momento. “Porque quem quer que tenha levado seu pai estava caçando todos nós. Eu sobrevivi porque desapareci primeiro.” Ela fez uma pausa. “Mas isso é história para outro momento.”

“Sim,” continuou Talita, aceitando a mudança de tema, “Voltando, a empresa-mãe do alvo, a Hikari Dynamics, tem sede em Tóquio. É para lá que o rastro digital aponta. É para lá que preciso ir.”

Um brilho de admiração, quase imperceptível, surgiu no olhar de Echo. “Tóquio,” repetiu. “Você não pode ir sozinha. É brilhante com dados, garota, mas o mundo real é diferente. Ele morde.”

“Eu não pedi sua permissão,” retrucou Talita.

“Não estou dando,” disse Echo, “Estou dizendo que vou com você. Eu devia isso ao seu pai. E, honestamente,” um pequeno sorriso irônico surgiu em seus lábios, “faz muito tempo que não tenho uma boa briga.”

“Por que você faria isso?” perguntou Talita, genuinamente curiosa. “Você poderia continuar escondida. Segura.”

Echo olhou pela janela, a chuva criando rios de luz nas ruas. Os olhos azuis refletiam o brilho distorcido e, por um momento, a máscara de dureza vacilou.

“Porque eu também preciso de respostas,” disse por fim. “Porque passei anos me perguntando o que aconteceu naquela noite. E porque...” hesitou, algo vulnerável atravessando o olhar endurecido, “porque seu pai me salvou uma vez. E eu não estava lá para salvá-lo quando ele precisou.”

A confissão pairou no ar, carregada de culpa. Talita entendeu, ali, que Echo não estava só oferecendo ajuda — buscava redenção. Uma dívida não paga, um peso que carregava havia anos.

“Ele nunca mencionou isso,” disse Talita, suavizando o tom. “O que aconteceu?”

Echo balançou a cabeça. “História para outro dia. O que importa agora é que temos um objetivo comum.” Ela se inclinou para frente, os olhos fixos nos de Talita. “Mas preciso saber: você está preparada para o que pode encontrar? A verdade nem sempre é o que esperamos. Às vezes, ela destrói mais do que a mentira.”

Talita sustentou o olhar sem vacilar. “Passei minha vida inteira me preparando para isso. Cada linha de código que escrevi, cada sistema que invadi, cada noite sem dormir analisando dados — tudo foi para este momento. Não vou recuar agora.”

Echo concordou lentamente, algo como respeito surgindo em seus olhos. “Você tem a teimosia dele. Isso pode te salvar ou te matar.” Ela estendeu a mão sobre a mesa. “Então vamos fazer isso direito. Parceiras. Pelo menos até encontrarmos as respostas que ambas procuramos.”

Talita olhou a mão estendida por um instante. Aceitar significava confiar em alguém que podia ter motivos próprios. Mas significava também não estar mais sozinha — ter alguém que conhecia o mundo em que o pai operava, que preenchia as lacunas que os dados não revelavam.

Ela apertou a mão de Echo com firmeza. “Parceiras,” concordou.

“Mas com regras,” Echo acrescentou, sem soltar a mão. “No campo, você segue minhas instruções. Sem discussão. Sem heroísmo. Entendido?”

“Entendido,” Talita concordou. “E no mundo digital, você segue as minhas.”

Um sorriso genuíno, o primeiro desde que chegara, surgiu no rosto de Echo. “Justo. Acho que vamos nos entender, Logos.”

“Chega de Logos,” disse ela, surpreendendo a si mesma. “Se vamos confiar uma na outra, me chame pelo meu nome. Como você me chamava quando eu era criança.”

Echo pareceu considerar por um momento, algo suavizando na expressão. “Faz anos que ninguém me chama de Ariel,” disse por fim. Soltou a mão de Talita e recostou-se na cadeira. “Muito bem, Talita. Vamos planejar.”

Passaram as horas seguintes mergulhadas em estratégia. Ariel tinha contatos em Tóquio — gente que devia favores ou que podia ser comprada — e conhecia os becos onde informação era moeda. Talita tinha acesso a sistemas que revelariam tudo sobre a Hikari Dynamics e seus executivos, além de uma habilidade de infiltração digital que poucos no mundo igualavam.

“A Hikari Dynamics não é apenas uma empresa de tecnologia,” explicou Talita, mostrando dados no tablet. “Eles têm contratos com governos do mundo todo. Segurança cibernética, sistemas de vigilância, infraestrutura crítica. Se o Protocolo Sombra está conectado a eles, as implicações são enormes.”

Ariel estudou os dados com atenção. “Takeshi Yamamoto, o CEO. Conheço o tipo. Homens assim não sujam as próprias mãos, mas sabem exatamente onde a sujeira está enterrada.”

“Ele é nosso ponto de entrada,” concordou Talita. “Se acessarmos os sistemas pessoais dele, podemos encontrar a conexão com Vitor e, através dele, com meu pai.”

“Não vai ser fácil,” alertou Ariel. “Tóquio é território hostil. O Nexus tem olhos em toda parte, e se souberem que estamos chegando...”

“Nexus?” Talita interrompeu, o nome despertando alarmes. “O que é exatamente?”

Ariel hesitou, como se decidisse quanto revelar. “É o nome que damos à organização por trás de tudo isso. Não sabemos quem são, quantos são, ou onde estão. Apenas que existem, que são poderosos, e que seu pai tentava expô-los quando desapareceu.”

“E você acha que a Hikari Dynamics está conectada a eles?”

“Acho que a Hikari é só a ponta do iceberg,” respondeu Ariel, a voz grave. “Mas é a ponta que podemos alcançar. Por enquanto.”

A chuva ainda caía quando deixaram o Café Íris. A cidade seguia seu ritmo frenético, indiferente às duas mulheres nas ruas molhadas. Talita olhou para o céu cinzento, sentindo uma mistura de medo e determinação.

“Partimos amanhã,” disse Ariel, parando sob a marquise de uma loja fechada. “Tenho um contato que pode nos conseguir documentos limpos e passagens que não deixam rastro. Você tem onde ficar esta noite?”

“Tenho um apartamento seguro. Meu pai me ensinou a sempre ter um plano de contingência.”

“Claro que ensinou,” murmurou Ariel, um tom de nostalgia na voz. “Ele era o melhor nisso.” Tirou um pequeno cartão do bolso e entregou a Talita. “Meu número seguro. Memorize e destrua. Nos encontramos às seis da manhã em Congonhas, no terminal executivo.”

Talita pegou o cartão, memorizou os números em segundos e o rasgou em pedaços minúsculos. “Estarei lá.”

Ariel começou a se afastar, mas parou após alguns passos. Sem se virar, disse: “Seu pai teria orgulho de você, Talita. Do que você se tornou. Da coragem que está mostrando.”

Antes que Talita pudesse responder, Ariel desapareceu na chuva, a silhueta se dissolvendo nas sombras da cidade. Talita ficou parada um momento, as palavras ecoando.

Em algum lugar do mundo, o pai esperava. Vivo ou morto, ela descobriria a verdade. E agora, pela primeira vez em anos, não estava sozinha — tinha uma aliada, alguém que conhecia os segredos que ele guardava.

De volta ao apartamento, Talita passou as horas seguintes preparando-se para a viagem. Verificou os equipamentos, atualizou os programas de invasão e criou várias camadas de identidades digitais para usar em Tóquio. Cada detalhe importava.

No quarto, abriu um compartimento falso no fundo do armário e retirou uma pequena mochila já pronta:

documentos alternativos, dinheiro em várias moedas, um dispositivo de comunicação segura. Velho hábito que o pai insistira que cultivasse — “Sempre tenha um plano de fuga, Talita. Sempre.” Dentro havia também uma foto dele, lembrete de porque ela persistia.

Enquanto trabalhava, a mente voltava à conversa com Ariel. A mulher era um enigma — dura como aço por fora, mas claramente ferida por dentro. O que acontecera entre ela e o pai? Que dívida era tão grande a ponto de tirá-la de anos de esconderijo?

Talita abriu no computador uma pasta que reunira ao longo dos anos: imagens do pai em épocas diferentes, relatórios de missões que conseguira acessar, fragmentos de uma vida dedicada às sombras. Numa das fotos, reconheceu rostos familiares — o pai, mais jovem, com um sorriso que parecia genuíno, ao lado de companheiros em alguma operação esquecida.

Eles pareciam felizes. Confiantes. Como se o mundo não pudesse tocá-los.

O que havia mudado? O que transformara aquela mulher sorridente na sobrevivente endurecida que encontrara no café?

Talita fechou a pasta e voltou a atenção aos dados da Hikari Dynamics. Havia padrões ali, conexões começando a se formar. Takeshi Yamamoto não era apenas um empresário bem-sucedido — era um homem com segredos, e segredos deixavam rastros digitais.

Encontrou reuniões em horários estranhos, transferências para contas em paraísos fiscais, comunicações criptografadas com destinatários desconhecidos. Cada descoberta era uma peça do quebra-cabeça, e Talita começava a ver a imagem maior.

O Protocolo Sombra não era apenas um código — era uma chave. Uma chave capaz de abrir portas que muitos prefeririam manter fechadas para sempre. E o pai fora o arquiteto dela, antes de se tornar seu prisioneiro.

Quando finalmente se deitou, o relógio marcava duas da manhã. O sono veio em ondas inquietas, povoado de

corredores escuros e portas trancadas, de rostos que se dissolviam em sombras. A certa altura, sonhou com o pai sentado diante de um tabuleiro de xadrez, movendo peças num jogo cujas regras ela não compreendia.

“Os padrões estão lá, Talita,” ele disse no sonho, a voz ecoando como se viesse de muito longe. “Você só precisa aprender a vê-los.”

Talita acordou com o alarme às cinco da manhã, o coração acelerado, a mente já em modo operacional. Não havia tempo para dúvidas. Tóquio esperava — e, com ela, as respostas que buscava havia anos.

Pegou a mochila, conferiu uma última vez os equipamentos e saiu para a madrugada de São Paulo. A cidade ainda dormia, as ruas quase desertas sob a luz pálida dos postes. Em poucas horas, estaria do outro lado do mundo.

Mas pela primeira vez desde o desaparecimento do pai, Talita experimentava algo além da determinação: esperança.

CAPÍTULO 3

REFLEXOS DE TÓQUIO



O avião comercial cortava o céu noturno sobre o Pacífico, os motores num zumbido constante que se tornara quase imperceptível depois de seis horas de voo. Talita observava o próprio reflexo na janela escurecida, as luzes ocasionais pontilhando o oceano lá embaixo. Havia algo de surreal em estar a caminho de Tóquio, seguindo um rastro digital que podia levar ao pai — ou a uma armadilha.

Ariel dormia no assento ao lado, ou ao menos fingia; com ela, era difícil saber. Talita descobrira que a ex-parceira do pai era uma mulher de camadas, cada uma mais impenetrável que a anterior — profissional, metódica, uma frieza que só revelava fissuras quando o nome de Pedro surgia.

De repente, o tablet de Talita emitiu um alerta discreto: uma anomalia numa rede monitorada, um padrão de tráfego que ecoava o Protocolo Sombra. Ela ajustou o filtro e confirmou — um teste rápido numa bolsa de valores asiática, manipulando cotações em tempo real sem deixar vestígio. Não era só vigilância. Era ação. Como se alguém estivesse ensinando o sistema a agir, e não apenas a observar. Ela anotou o padrão para análise posterior, um calafrio subindo pela nuca.

"Não consegue dormir?" A voz de Ariel era baixa, seus olhos ainda fechados.

"Estou revisando os alvos," Talita respondeu, sem desviar o olhar da tela.

Ariel abriu os olhos, virando-se ligeiramente para encarar a jovem analista. "Você é exatamente como ele. Sempre preparando, sempre analisando." Havia um tom indefinível em sua voz — algo entre admiração e preocupação.

"Aprendi com o melhor," Talita respondeu, permitindo-se um pequeno sorriso.

"Ele ficaria orgulhoso," Ariel disse, e então, após uma pausa: "Mas também preocupado. Pedro nunca quis que você entrasse neste mundo."

Talita desligou o tablet, encarando Ariel diretamente. "Ele me treinou para isso."

"Na verdade, ele te treinou para sobreviver," Ariel corrigiu. "Há uma diferença."

Um silêncio se instalou entre elas, preenchido só pelo ruído da cabine. Por fim, Talita fez a pergunta que vinha evitando desde que se conheceram.

"Vocês eram próximos? Você e meu pai?"

Ariel sustentou seu olhar por um momento antes de responder. "Éramos parceiros. Confiávamos um no outro com nossas vidas." Ela fez uma pausa. "Mas Pedro mantinha todos a uma certa distância."

Havia algo não dito ali, mas Talita decidiu não pressionar. Ainda não. Em vez disso, reativou o tablet e dividiu a tela com Ariel.

"Hikari Dynamics. O que sabemos sobre eles?"

Ariel aceitou a mudança de assunto. "Fundada em 2018. Especializada em segurança de redes e criptografia quântica. Clientes principalmente governamentais e corporações do Fortune 500." Ela deslizou o dedo pela tela, ampliando a imagem do edifício. "Mas o interessante é que 40% da empresa pertence a um conglomerado sediado em Singapura."

"A mesma Singapura onde detectei o teste do projeto," Talita completou, sentindo aquela familiar aceleração mental quando padrões começavam a se conectar.

"Exato. E o CEO da Hikari, Takeshi Yamamoto, estudou na mesma universidade que Vitor Mendes. Diferentes departamentos, diferentes anos, mas..."

"Mas não existem coincidências," Talita concluiu, citando uma das máximas favoritas de seu pai.

"Não neste jogo," Ariel concordou.

O aviso de pouso acendeu sobre suas cabeças. Tóquio se aproximava, uma constelação de luzes que se estendia até o horizonte. Talita guardou o tablet e ajustou o cinto.

"Qual é o plano quando pousarmos?" perguntou.

"Primeiro, nos estabelecemos. Tenho um apartamento seguro em Shinjuku. Depois, reconhecimento básico. Nada de contato, apenas observação." Ariel fez uma pausa. "E

então, quando tivermos um quadro melhor da situação, decidimos como proceder."

Talita concordou, mas uma parte dela já sabia que não seria tão simples. Nunca era.

O voo comercial pousou em Haneda pouco depois da meia-noite. Doze horas de voo pesavam nos ombros de Talita, mas a imigração não permitia cansaço. Ela entregou o passaporte canadense — uma das identidades limpas que Ariel providenciara — e sustentou o olhar entediado do agente por três segundos longos, até o carimbo descer. Ao seu lado, Ariel não hesitou um instante. Para ela, cruzar uma fronteira com outro nome era tão natural quanto respirar.

Do lado de fora, o ar de Tóquio era frio e úmido, carregado de asfalto molhado e de algo frito ao longe. Encostado num Toyota prata sem nenhum brilho, um homem as esperava. Baixo, atarracado, beirando os sessenta, óculos de armação grossa e as mãos manchadas de quem vive entre solda e circuitos. Não parecia um espião. Parecia o que era: o dono de uma loja de eletrônicos usados que devia o próprio sono a Ariel.

"Echo," disse ele, e o nome saiu como um suspiro de alívio.

"Goro." Ariel apertou a mão dele com as duas — um gesto que Talita nunca a vira fazer.

No banco do passageiro, uma mulher pequena desceu, uma garrafa térmica numa das mãos, um embrulho de papel na outra. Cabelos grisalhos presos, um casaco fino demais para a hora. Estendeu o embrulho a Talita sem dizer nada de início, só um aceno e um sorriso cansado. Onigiri ainda mornos.

"Minha esposa, Emi," disse Goro. "Ela insistiu. Disse que ninguém chega do outro lado do mundo e fica sem comer."

"Vocês não precisavam—" comentou Talita.

"Precisávamos," cortou Emi, com uma firmeza gentil. "Faz três anos que a Yuki voltou para casa por causa desta mulher. Três anos. Há dívidas que não se pagam com

dinheiro.” Olhou para Ariel, os olhos brilhando. “Mas a gente tenta assim mesmo.”

Goro abriu o porta-malas. Dentro, uma sacola plástica comum: as chaves do apartamento de Shinjuku, três chips de celular ainda no lacre, um envelope grosso de ienes e outro, menor, com endereços rabiscados à mão. “O lugar está limpo. Passo lá toda semana, abro as janelas, acendo as luzes em horários diferentes. Para parecer vivo.” Hesitou. “Mas, Echo...” Baixou a voz, embora a rua estivesse deserta. “Andaram perguntando por aí. Nas últimas semanas. Homens bem-vestidos, educados demais. Querendo saber de estrangeiros que alugam por temporada, de gente que paga em dinheiro. Não eram da polícia. Esses não fazem perguntas tão... limpas.”

Ariel e Talita trocaram um olhar.

“Você disse alguma coisa?” perguntou Ariel.

“Eu vendo rádio velho e conserto micro-ondas,” respondeu Goro, com um meio sorriso. “Não sei de nada. Nunca soube.” O sorriso se apagou. “Mas se cuida. Seja lá o que veio fazer aqui. A Emi não dorme direito desde que você ligou.”

O trajeto até Shinjuku foi silencioso, a cidade desfilando do lado de fora num rio de neon — letreiros em kanji e katakana, máquinas de venda automática acesas em esquinas vazias, um trem elevado cortando o céu. Talita comeu o onigiri devagar, e por algum motivo aquele gesto simples — arroz, alga, as mãos de uma desconhecida que se preocupara com ela — apertou algo em seu peito. No mundo de sombras do pai, ela esperara encontrar só frieza e cálculo. Não esperara isto: gente comum, com cozinhas e filhas e medo, sustentando aquela guerra silenciosa nas dobras da própria vida, por gratidão.

Quando o Toyota parou diante do prédio em Shinjuku, Emi virou-se no banco e segurou a mão de Talita por um instante.

“Você se parece com alguém,” disse. “Não sei com quem. Mas tem o mesmo olhar de quem está procurando uma coisa.” Apertou-lhe os dedos. “Espero que encontre.”

O apartamento seguro de Ariel era um estúdio compacto no vigésimo andar de um prédio residencial em Shinjuku — minimalista, funcional, com vista para a cidade que nunca dormia. Talita observou o fluxo constante de pessoas e luzes lá embaixo, sentindo-se ao mesmo tempo energizada e deslocada.

"Quanto tempo faz desde que você esteve aqui?"

"Três anos," Ariel respondeu, verificando metodicamente o apartamento em busca de sinais de invasão ou vigilância.

Ariel terminou sua inspeção e colocou sua mala sobre a cama. "Há um futon no armário para você."

Talita deixou a mochila no chão. Retirou um pequeno dispositivo do tamanho de um smartphone e o ativou com um movimento fluido; o aparelho zumbiu baixo enquanto varria o ambiente em busca de escutas ou câmeras ocultas.

"Precaução extra?" Ariel perguntou, arqueando uma sobrancelha.

"Hábito," Talita respondeu simplesmente.

A varredura terminou: o apartamento estava limpo. Talita desligou o aparelho e voltou-se para o laptop que trouxera — um modelo modificado, com camadas extras de segurança e conexão anônima.

Só então o cansaço a alcançou, de uma vez só. Doze horas de voo, a imigração, a tensão da chegada — tudo desabou sobre ela.

"Descansa," disse Ariel, com a naturalidade de quem já dormiu em cem quartos como aquele. "A cidade não vai a lugar nenhum. E nós não prestamos pra nada sem dormir."

Talita quis discutir — cada hora parada era uma hora longe do pai —, mas o corpo venceu o argumento. Deitou-se de tênis, o hábito de quem talvez precise correr, e apagou antes que a cabeça afundasse no travesseiro.

Acordou no meio da tarde, com o cheiro de chá e o rumor de Tóquio subindo pela janela. Por um segundo, não soube onde estava. Depois lembrou-se de tudo — e a lembrança, em vez de peso, veio como propósito. Ariel já

estava de pé, vestida, uma xícara nas mãos, os olhos na cidade.

"Dormiu seis horas," disse, sem se virar. "Precisava de doze. Vai ter que bastar."

"Vou estabelecer nossa base digital," disse Talita, já abrindo o computador. "Precisamos de um canal seguro e acesso às câmeras de segurança ao redor dos nossos alvos."

Ariel observava Talita trabalhar, os dedos correndo precisos pelo teclado, linhas de código preenchendo a tela numa velocidade impressionante. Havia algo quase hipnótico na eficiência dela no mundo digital.

"Você realmente é filha dele", murmurou Ariel, mais para si mesma do que para Talita.

Três horas depois, tinham uma operação digital completa: feeds das câmeras públicas ao redor da Hikari Dynamics, acesso ao transporte público para rastrear movimentos, um mapa térmico da atividade de rede na área.

"Impressionante," Ariel comentou, observando as múltiplas telas de informação. "Quanto disso é legal?"

Talita deu de ombros. "Defina 'legal'."

Um pequeno sorriso surgiu no canto da boca de Ariel. "Touché."

O laptop emitiu um alerta suave. Talita se inclinou, estreitando os olhos para analisar os dados que surgiam.

"Temos movimento. Takeshi Yamamoto acabou de sair da Hikari. Parece que está indo para um restaurante no distrito financeiro."

Ariel já estava de pé, trocando sua camiseta por uma blusa mais formal. "Hora de fazer um reconhecimento pessoal."

"Eu vou com você," Talita disse, fechando o laptop.

"Não. Você fica e monitora. Sou menos reconhecível e tenho mais experiência em vigilância física." O tom de Ariel não deixava espaço para discussão. "Além disso, precisamos de alguém na base para coordenar."

Talita queria protestar, mas sabia que Ariel tinha razão. Ainda assim, ficar para trás enquanto outra pessoa seguia uma pista sobre o pai era desconfortável.

"Mantenha o canal aberto," cedeu finalmente. "Quero ouvir tudo."

Ariel concordou, colocando um pequeno dispositivo no ouvido. "Não se preocupe. Isso é apenas reconhecimento. Observar e aprender."

Quando a porta se fechou, Talita voltou-se para as telas, ampliando a imagem do restaurante para onde Takeshi se dirigia — um estabelecimento exclusivo, da elite empresarial de Tóquio, do tipo em que os negócios de verdade acontecem longe das salas de reunião.

Enquanto acompanhava Ariel pelo GPS e pelas câmeras, Talita executava uma busca mais aprofundada sobre Takeshi Yamamoto: registros financeiros, histórico educacional, conexões sociais — qualquer coisa que ligasse o homem a Vitor Mendes ou ao desaparecimento do pai.

Foi quando encontrou algo intrigante. Uma foto antiga, de vinte anos atrás, mostrando Takeshi numa conferência de segurança em Genebra. Ao lado dele, Vitor Mendes, sorrindo com a formalidade de quem posa para um registro profissional. E entre os dois, com um crachá da Meridian Solutions no pescoço, um homem que Talita reconheceria em qualquer lugar: o pai. Havia ainda uma quarta pessoa — uma mulher de cabelos escuros e sorriso discreto que ela não reconheceu de imediato, mas cujo rosto lhe apertou o peito: era Heloísa, sua mãe. Os metadados indicavam que a foto fora tirada por uma quinta pessoa — Seria uma forma discreta de registrar o rosto de Takeshi sem levantar suspeitas? – Pensou Talita.

"Echo," Talita chamou através do comunicador. "Encontrei algo. Eles se conheciam. Todos eles."

"Detalhes," a voz de Ariel respondeu, ligeiramente distorcida pela transmissão.

"Conferência em Genebra, 2006. Takeshi, Vitor, meu pai e..." Ela engoliu em seco ao reconhecer o rosto da mulher.

"Minha mãe. Todos no mesmo lugar. E alguém tirou essa foto — alguém que não quis aparecer."

Um breve silêncio. "Isso muda as coisas. Vou tentar chegar mais perto, ver com quem ele está se encontrando."

"Tenha cuidado," Talita advertiu, sentindo uma súbita apreensão. "Se eles estão todos conectados, Takeshi pode reconhecê-la."

"Não se preocupe. Eu era uma operadora fantasma. Seu pai era o rosto público."

Talita seguia monitorando, alternando câmeras para manter Ariel à vista enquanto ela se aproximava do restaurante. A ex-parceira do pai movia-se com uma naturalidade estudada, só mais uma executiva num distrito cheio delas.

Enquanto isso, Talita aprofundou a busca sobre a conferência de Genebra. Os registros oficiais eram escassos, mas, com técnicas que beiravam a invasão de privacidade, ela acessou a lista completa de participantes e palestras.

O que Talita encontrou fez seu coração acelerar. Uma sessão fechada, restrita a apenas doze participantes, intitulada "Vulnerabilidades Quânticas e Contramedidas Emergentes". Entre os presentes: Takeshi Yamamoto, Vitor Mendes e Pedro D'Sousa.

"Echo, acho que encontrei a conexão original. Uma sessão fechada sobre segurança quântica. O assunto era exatamente o tipo de tecnologia que poderia levar ao projeto."

"Entendido," a voz de Ariel respondeu, agora mais baixa. "Estou dentro do restaurante. Takeshi está em uma sala privada. Vou tentar uma posição melhor."

Talita observava pelas câmeras do restaurante, que acessara remotamente. Ariel movia-se com a confiança de quem pertencia ao lugar, sentando-se a uma mesa com visão para o corredor das salas privativas.

Foi quando algo chamou a atenção de Talita: um homem entrando no restaurante, movendo-se com propósito para a mesma área de Takeshi. Havia algo familiar no andar, no jeito de escanear o ambiente.

Talita ampliou a imagem em busca de um ângulo melhor. A qualidade da câmera não ajudava, mas, quando o homem virou de leve para a luz, o perfil ficou claro por um instante.

O sangue de Talita gelou em suas veias.

"Echo, saia daí agora," disse urgentemente no comunicador. "Agora!"

"O que foi?" a voz de Ariel respondeu, tensa mas controlada.

"Vitor Mendes acabou de entrar no restaurante."

Um momento de silêncio absoluto. "Tem certeza?"

"Absoluta. É ele. Mais velho, mas é ele."

"Merda," Ariel murmurou. "Isso complica as coisas."

"Saia daí," Talita repetiu. "Se ele te reconhecer..."

"Tarde demais," Ariel interrompeu, sua voz subitamente mais baixa. "Ele me viu. E definitivamente me reconheceu."

O coração de Talita disparou. "Opções?"

"Poucas. Ele está bloqueando a saída principal. Vou tentar os fundos."

Talita rapidamente alternou para as câmeras externas, procurando rotas de fuga. "Há uma saída de serviço que dá para um beco. Vire à direita ao sair e siga até a rua principal. Estarei te monitorando."

"Entendido."

Talita assistia, impotente, enquanto Ariel se levantava como quem procura o banheiro e seguia para os fundos. Vitor, por sua vez, falava depressa com um segurança, apontando discretamente na direção dela — a expressão uma mistura de surpresa e cálculo frio.

"Eles estão te seguindo," Talita alertou. "Dois seguranças se movendo na sua direção."

"Claro que estão," Ariel respondeu, sua voz agora firme e focada. "Plano B então."

Antes que Talita pudesse perguntar qual era o plano B, viu Ariel mudar abruptamente de direção, dirigindo-se diretamente para a sala privativa onde Takeshi estava. Os seguranças aceleraram, mas Ariel era rápida. Ela entrou na sala, fechando a porta atrás de si.

As câmeras não mostravam o interior da sala, deixando Talita momentaneamente cega quanto ao que estava acontecendo.

"Echo? Echo, responda!"

Silêncio no comunicador. Provavelmente desligado por Ariel...

Talita sentiu o pânico crescer, mas manteve o foco. Acessou depressa as plantas do edifício, procurando rotas alternativas até a sala privativa. Havia uma saída de emergência próxima — mas, sem saber a situação lá dentro, era impossível orientar Ariel.

Cinco minutos se passaram sem comunicação. Talita estava prestes a implementar um plano de contingência — que incluía alertar as autoridades locais usando identidades falsas — quando seu laptop emitiu um alerta. Uma mensagem de texto, enviada através de um protocolo seguro que apenas ela e Ariel conheciam:

"Mudança de planos. Encontro comprometido. Retornando ao ponto seguro. Prepare-se para evacuação."

Talita controlou a respiração, tentando domar o coração disparado. Ariel estava viva e, ao que tudo indicava, livre — mas algo dera muito errado. Começou na hora a apagar rastros digitais e a preparar o equipamento para uma saída rápida.

Vinte minutos depois, a porta do apartamento se abriu. Ariel entrou, seu rosto uma máscara de controle, mas Talita podia ver a tensão em seus olhos.

"O que aconteceu?" perguntou imediatamente.

Ariel fechou a porta, verificando duas vezes a tranca antes de responder. "Vitor me reconheceu. Não tive escolha a não ser confrontá-los diretamente."

"Você entrou na sala com Takeshi e Vitor? Deliberadamente?"

"Era isso ou ser capturada no corredor," Ariel explicou, movendo-se rapidamente pelo apartamento, recolhendo itens essenciais. "Elemento surpresa. Eles não esperavam que eu fosse tão direta."

"E?"

Ariel parou, encarando Talita. "Vitor confirmou que seu pai está vivo."

O mundo pareceu congelar ao redor de Talita. "O quê? Como... como você sabe que ele não estava mentindo?"

"Porque ele me mostrou isso." Ariel estendeu a mão, revelando um pequeno pendrive. "Disse que é uma mensagem do seu pai. Para você."

Talita olhou para o dispositivo como se fosse ao mesmo tempo uma ameaça e uma esperança. Suas mãos tremiam ligeiramente ao pegá-lo.

"Pode ser uma armadilha," advertiu, mais para si mesma do que para Ariel.

"Quase certamente é," Ariel concordou. "Mas também pode conter informações reais. Vitor parecia... diferente. Não como alguém que traiu um amigo. Mais como alguém preso em algo maior que ele. Ele murmurou algo sobre 'não ter escolha', com um olhar assombrado que não combinava com o traidor que imaginávamos."

Talita conectou o pendrive a um tablet isolado — sem rede, descartável se preciso. Depois de uma verificação preliminar contra malware, abriu o único arquivo do drive.

Era um vídeo. A tela permaneceu preta por alguns segundos, então surgiu a imagem de um homem sentado em frente a uma parede branca e sem características. Cabelos grisalhos, barba por fazer, olhos cansados, mas ainda intensos. Pedro D'Sousa. Seu pai.

Talita sentiu o ar deixar seus pulmões. Ao seu lado, Ariel ficou absolutamente imóvel.

"Talita," a voz de seu pai soou através do alto-falante, usando seu nome verdadeiro – um sinal de intimidade que fez seus olhos arderem com lágrimas contidas.

"Se você está vendo isto, significa que encontrou o caminho até Tóquio. Significa que decifrou as pistas que deixei e seguiu o rastro. Eu sabia que você conseguiria."

Ele fez uma pausa, passando a mão pelo rosto em um gesto familiar que fez o coração de Talita apertar.

"Não tenho muito tempo, então vou direto ao ponto. Estou vivo, mas não sou livre. O código que encontrou não

é apenas um algoritmo – é uma arma. A mais perigosa já criada. E eu sou tanto seu criador quanto seu prisioneiro."

Talita trocou um olhar rápido com Ariel, cuja expressão havia endurecido.

"Vitor não é o inimigo," seu pai continuou. "Ele está tentando consertar o que nós dois começamos. O verdadeiro perigo é o Nexus – o grupo que financiou nossa pesquisa e depois a militarizou. Eles têm instalações em todo mundo, mas o centro de controle está aqui em Tóquio."

Ele se inclinou para mais perto da câmera, sua voz baixando para quase um sussurro.

"Talita, você precisa entender: o código não apenas quebra qualquer segurança — ele pode reescrever a realidade digital. Poderia infiltrar o controle de tráfego de Tóquio e mergulhar a cidade no caos, manipulando os semáforos, sem disparar um único tiro. E isso é só o começo. Sozinho, ele é uma arma. Mas eles querem fundi-lo a algo maior — um sistema que não precise mais de mãos humanas para agir. Se conseguirem, me encontrar não vai bastar. Você vai ter que destruí-lo."

Ele olhou brevemente para fora da tela, como se verificasse algo, então voltou a encarar a câmera.

"Estou trabalhando em uma contramedida, um kill switch que pode neutralizar o código. Mas preciso de ajuda. Preciso de você. Há um servidor em Akihabara, no subsolo de um café internet chamado Neon Dreams. Terminal 23. A senha é a data do seu aniversário seguida pelo nome da sua professora de piano."

Talita sentiu uma onda de emoção: só ela poderia decifrar aquela mensagem — um detalhe pessoal que apenas o pai conheceria.

"No servidor, você encontrará o código parcial da contramedida e as coordenadas para minha localização. Mas tenha cuidado. O Nexus está observando."

O pai olhou direto para a câmera, os olhos transmitindo amor e preocupação na mesma medida.

"Confie em Ariel. Confie em Vitor. Mas acima de tudo, confie em seus instintos. Você sempre foi melhor nisso do que eu." Um pequeno sorriso surgiu em seu rosto cansado. "Lembre-se do que eu sempre dizia: os padrões estão lá, mesmo quando não podemos vê-los."

A imagem começou a falhar, como se a gravação estivesse sendo interrompida.

"Eu te amo, Talita. Sempre amei. Tudo que fiz, todo treinamento, toda preparação, foi para proteger você. Mas agora, você é a única que pode consertar o que eu ajudei a quebrar. Você é a única—"

O vídeo terminou de repente, a tela preta. Talita ficou imóvel, processando o que acabara de ver. O pai estava vivo. O Protocolo Sombra era real — e mais perigoso do que imaginara. E ela estava no centro de uma conspiração global. Notara padrões no vídeo: pausas ritmadas, gestos que confirmavam a autenticidade, ecoando as lições do pai.

"Ele parecia sincero," Ariel disse finalmente, quebrando o silêncio. "Mas isso não significa que não esteja sob coerção."

"Não," Talita concordou, sua mente já analisando cada palavra, cada gesto do vídeo. "Mas ele incluiu detalhes que só nós dois conheceríamos. E a maneira como ele falou sobre a contramedida... isso soa como ele."

"O que você quer fazer?" Ariel perguntou, seu tom indicando que já sabia a resposta.

Talita desconectou o pendrive e levantou-se, com uma determinação renovada nos olhos.

"Vamos para Akihabara. Terminal 23."

"Pode ser uma armadilha," Ariel advertiu novamente.

"Quase certamente é," Talita respondeu, usando as mesmas palavras que Ariel havia dito minutos antes. "Mas é a única pista concreta que temos. E se meu pai realmente está desenvolvendo uma contramedida para o protocolo..."

"Então precisamos encontrá-lo antes que o Nexus perceba o que ele está fazendo," Ariel completou, já recolhendo seu equipamento. "Mas precisamos ser inteligentes sobre isso. Neon Dreams é um lugar público,

frequentado por dezenas de pessoas. Se for uma armadilha, estaremos expostas."

Talita já estava trabalhando em seu laptop, acessando plantas e sistemas de segurança do Neon Dreams. "Há uma entrada de serviço nos fundos. E o sistema de câmeras é básico, facilmente contornável."

"Você já esteve lá antes?" Ariel perguntou, surpresa.

"Não," Talita respondeu, sem desviar os olhos da tela. "Mas meu pai me ensinou a sempre conhecer o terreno antes de entrar nele."

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de Ariel. "Ele te ensinou bem."

Enquanto preparavam-se para a missão, Talita não pôde deixar de pensar nas últimas palavras de seu pai no vídeo. "Você é a única que pode consertar o que eu ajudei a quebrar." O peso daquela responsabilidade era imenso, mas também estranhamente familiar – como se toda sua vida tivesse sido uma preparação para este momento.

Tóquio brilhava lá fora, cidade de luzes e sombras. E em algum lugar, entre os arranha-céus e os becos, entre linhas de código e conspirações, o pai esperava. Vivo, mas não livre.

Antes de saírem, Ariel abriu a mala e tirou de um fundo falso um objeto embrulhado em pano. Desfez o embrulho devagar. Era uma pistola — antiga, bem cuidada, o metal escuro gasto nas quinas de tanto uso.

"Era do seu pai," disse, estendendo-a. "Ele me deu para guardar na última vez que nos vimos. Falou que um dia ela ia fazer mais falta a você do que a ele." Uma pausa. "Acho que o dia é hoje."

Talita pegou a arma. Era mais pesada do que imaginava — não pelo metal, mas pelo que carregava. Na coronha, reconheceu um pequeno entalhe que ele fazia em tudo que era dele: três marcas curtas e uma longa. Um padrão, claro.

Conferiu o carregador com os gestos que o próprio pai lhe ensinara, num tempo em que aquilo parecia só mais um dos jogos entre os dois, e a guardou no coldre sob a jaqueta. O peso do metal contra o corpo era um lembrete de

que cruzara, em definitivo, a linha entre o mundo digital e o das consequências físicas.

"Pronta?" Ariel perguntou, parada junto à porta.

Talita concordou, sentindo uma calma estranha se instalar sobre ela – a mesma calma que sentia quando resolvia problemas complexos, quando os padrões finalmente se revelavam.

"Vamos encontrar meu pai," disse Talita simplesmente.

E juntas saíram para a noite de Tóquio, rumo ao Neon Dreams e ao Terminal 23, onde as respostas — ou mais perguntas — esperavam.

A história continua.

Ela acaba de cruzar a linha entre o mundo digital e o mundo das consequências.

O Terminal 23 espera. E ninguém garante que a mensagem seja mesmo do pai dela.

LOGOS: Código Sombra está disponível na Amazon.

<https://www.amazon.com.br/dp/B0GR23RGBW>

Você recebeu esta amostra por ser assinante da newsletter

BLEND DO DIA

© 2026 Marcelo J. Sousa — Todos os direitos reservados.